

# OS DESAFIOS DA FORMAÇÃO DOCENTE EM AMBIENTES MULTICULTURAIS NAS ESCOLAS PAULISTAS QUE ACOLHEM CRIANÇAS E ADOLESCENTES BOLIVIANOS - OLHARES PRELIMINARES<sup>1</sup>

Danilo Borges DIAS<sup>2</sup>

## Resumo

A presente proposta tem como objetivo averiguar os principais desafios da formação docente com vistas à atuação em ambientes multiculturais. Especificamente pretende-se observar como os fluxos migratórios, principalmente de sulamericanos (bolivianos, peruanos e paraguaios), sofridos na cidade de São Paulo durante os anos de 1990 modificaram o panorama da cidade em vários aspectos, inclusive no ambiente escolar. Em seguida, analisa-se como este migrante e seus descendentes se inserem no contexto das escolas públicas, primárias e secundárias, provocando a necessidade das instituições e dos professores reverem suas práticas pedagógicas para atuar com estes novos estudantes que trazem consigo outras perspectivas culturais tornando o processo de sala de aula um mosaico composto de diferentes realidades. O aporte teórico usado ancora-se em Bauman (2001), Pimentel (2009), Souza (2013). A metodologia empregada foi a observação-participante, pesquisa-ação e entrevistas em profundidade. Percebeu-se que o professor que atua nas escolas que recebem migrantes do Cone Sul, precisam aprender a repensar suas práticas pedagógicas e ampliar o seu poder de análise e relativização cultural, não sem esforço, para cumprir com o seu papel de educador e promotor de cultura de paz.

**Palavras-chave:** Formação docente. São Paulo. Migrantes latino-americanos. Desafios.

## OS DESAFIOS NA FORMAÇÃO DOCENTE

Pimentel (2009) destaca que a metanarrativa da contemporaneidade apresenta crises paradigmáticas nos processos epistemológicos de formação de professores que atuam na educação básica. Para tanto, a autora destaca a necessidade de que o professor compreenda em quais princípios teóricos e metodológicos sua prática está fundamentada e assentada, pois os saberes que rondam a formação docente necessitam de consolidação e conscientização por parte dos atores envolvidos no processo educacional que privilegia a construção de um agente que atuará na mediação do conhecimento. Tao conhecimento, destaca Bachelar (1998, apud PIMENTEL, 2009)

---

<sup>1</sup>Proposta apresentada ao II Seminário de Educação – Campus XII/Universidade Estadual da Bahia. Eixo Formação Docente, Currículo e Diversidade. Este artigo faz parte da Tese de Doutorado em andamento. AS observações e reflexões extraídas fazem parte de atividades vividas no ano de 2013 e 2014.

<sup>2</sup>Doutorando em Educação, Mestre em Comunicação Social – Universidade Católica de Brasília – [daniloborges79@gmail.com](mailto:daniloborges79@gmail.com)

tem as prerrogativas concedidas pelo status de cientificidade, marcando a diferença entre outros saberes nos quais os processos são dados e não construídos.

A prática científica do professor precisa ser pautada, defende a autora (id), por perspectivas epistemológicas variadas e diversas, pois a possibilidade de renovação é entendida muito além de um movimento circular, mas sim em algo semelhante a uma espiral que se movimenta em direção verticalizada, congregando saberes, formas e novas possibilidades de construções que vão para além das perspectivas formais de apreensão de teorias desprendidas do cotidiano. Para Becker (1994, apud id.), o professor é um sujeito sensorial que, ao mesmo tempo em que ensina é influenciado pelo meio no qual está inserido e, por consequência, também aprende e reflete. Por conta destes elementos, a perspectiva de concepção epistemológica oriunda de diversas fontes se faz necessário e de importante relevância. Acerca disso, Feyerabend (1998) defende que o conhecimento científico é um empreendimento anárquico e que não pode obedecer restrições metódicas e estar confinada exclusivamente à frieza do método. O autor defende que a pluralidade é a base do processo científico e tal perspectiva se aplica, também ao cotidiano do professor.

Para Carvalho (2011), a formação do professor é o resultado da combinação, interação e justaposição processos subjetivos nos quais os conteúdos formais e informais acumulados ao longo de sua história se conectam e se desenvolvem com reflexos práticos no tratamento dos conteúdos trabalhados e expostos em sala de aula. Tais conteúdos resultam da conversão potencializada por uma síntese destaca por “inteligência coletiva”, que, de acordo com Hard e Negri (2006 apud. CARVALHO, 2011), é a ação e combinação dos diversos ambientes de aprendizagem e de interação grupal nos quais os agentes que participam do universo de sala de aula conseguem conversar, produzir conhecimentos por meio de partilhas e ajudas mútuas – cada um com sua subjetividade e contribuição singularizada.

De acordo com a autora, a perspectiva é toda envolvida dentro de um processo, não sendo possível estabelecer consenso hermético, fechado e conclusivo acerca do que vem a ser uma prática pedagógica ideal. É a combinação da esfera política, social, particular, afetiva e efetiva do dia a dia envolvendo professor e estudante que delimitará os nortes de um processo inacabado das práticas pedagógicas que se moldam e se readaptam no cenário do cotidiano, pois a conjugação dos múltiplos saberes, ajustados e

combinados dão a essência dos conjuntos de valores apontados para os movimentos de trocas em sala de aula.

Acerca desta proposição, é possível a contextualização com o pensamento de Duarte-Jr (2001) que a composição da realidade, também a vivida em sala de aula e da que compõe a essência da formação docente, passa por diversos ambientes que dialogam entre si na dimensão e na composição do ser-humano em sua totalidade, não podendo definir uma única possibilidade de entendimento acerca do que é a subjetividade das construções sociais e imaginárias.

Zuben (2003) destaca que a nossa matriz cultura se assenta em algumas características básicas e clássicas que pode ser destacadas por profundos avanços tecnológicos, transformações permanentes e rápidas e uma universalização dos fatores sociais, econômicos e políticos. Tais modificações e características no âmbito da sociedade e do conhecimento provocarão interfaces e desdobramentos de relevados movimentos, também, nos sistemas educativos. Para o autor, a Filosofia da Educação possibilita refletir a formação do professor em um momento nitidamente acentuado pela cultura da transformação.<sup>3</sup> Para tanto, o elemento de conexão e gerador da temática que ronda a formação do professor dirige ao projeto de formação docente, tanto no plano de conhecimento quanto no plano da ação de tal maneira que os próprios sujeitos envolvidos nos processos educativos e em meio às transformações da sociedade, possam ser sujeitos de sua autoconstrução. Para tanto, o autor destaca três elementos basilares para o desenvolvimento do processo.

O primeiro são condições de pertinência ou de possibilidade. Para Zuben (id.) existem fatores endógenos, ou internos, que condicionam a formação criativa com elementos geradores de sentido, com direção, com finalidade e significação que se traduzam em novas formas colaborativas dos conhecimentos que compõem o que é ser professor. Logo em seguida, o autor destaca que tal formação em tempos de mudanças deve ser buscada entre a dimensão que congrega o pensamento e compreensão com o comportamento (o caráter ético). Por fim, o Zuben enfoca que há uma complexidade que rege a formação do professor e esta deve ser considerada no bojo analítico dos

---

<sup>3</sup>Acerca deste ponto Bauman (2001) nos provoca a pensar a modernidade como sendo composta por uma característica liquefeita e sem uma forma única e exclusiva.

processos formativos e que nesta dinâmica complexa é onde se forma o indivíduo como sujeito e humano.

Arendt (apud.1987, apud. ZUBEN, 2003) destaca que o ato educativo deve criar condições para que o sujeito ouse projetar-se para os possíveis aprendizados, abrindo espaços para que o ato educativo seja contemplado pelos elementos nos quais os papéis entre educador e educando possam estar abertos e passíveis às trocas de papéis de maneira recíproca e fora dos moldes pre-definidos. Faz-se necessária uma pedagogia da abertura que consiga adaptar-se às modificações que o mundo contemporâneo passa, dando espaços para o que desconhecido se torne familiar e que haja espaços para os diálogos de socialização e interiorização de novos valores que traduzam incerteza em compreensão.

### **MIGRAÇÃO BOLIVIANA EM SÃO PAULO**

Silva (2005) afirma que a presença boliviana no Brasil, mais especificamente em São Paulo, não é um fenômeno que teve início nos últimos 20 anos, como afirma o senso comum na Capital Paulista.<sup>4</sup> O início da década de 1960 marca, de fato, o início dos primeiros fluxos de bolivianos a deslocarem-se para o Brasil de forma massiva (SILVA, 2005), (BONASSI, 2000) e (ROMMANELI e MEZZATO, 2007). É nessa época que estudantes universitários da Bolívia escolhiam instituições de Ensino Superior do Brasil para fazer especializações, ou estudar em algum outro nível acadêmico, com a “intenção de ampliar suas condições laborais e culturais” (BONASSI, id. ibid. 76).

Silva (1997) afirma que outros motivos, além de estudos e perspectivas acadêmicas, motivavam bolivianos a buscarem no Brasil um lugar para migrar. Alguns desses motivos eram a fuga das sucessivas turbulências políticas vividas no país de origem e às perseguições ideológicas que muitas pessoas sofriam, ocasionadas, em muitos casos, por discordância com o pensamento oficial e vigente daquele momento histórico da região. O autor coloca que, mesmo um pouco antes de 1960, houve uma saída em massa de mão-de-obra qualificada da Bolívia, formada não só por estudantes universitários, mas também por profissionais já estabelecidos em suas carreiras

---

<sup>4</sup>Tal afirmação de Silva é perceptível em conversas com donos de bares, comerciantes, e com a população geral que divide espaços físicos com os bolivianos em Bairros tradicionais da Capital Paulista como o Bom Retiro, Canindé e Brás. Ou seja, para maioria das pessoas que vivem ou transitam por estes bairros, a imigração boliviana em São Paulo começou nos anos de 1990.

(professores, médicos, advogados e dentistas) e que, concomitantemente a isso, militavam em prol de ideais contrários ao do partido *Movimiento Nacionalista Revolucionário* (MRN) (SILVA 1997 p.85). Alguns desses primeiros imigrantes, logo após alguns anos no Brasil, retornaram para a Bolívia, outros rumaram para novos países e, outra significativa parcela decidiu ficar, fazendo da Terra estrangeira sua nova pátria. Com isso, dedicaram-se a atividades diversas e, “consequentemente acumularam experiência para, em seguida, tornarem-se referências da comunidade latina em vários segmentos” (ROMMANELI e MEZZATO, 2007 p.32).

Os espaços profissionais comuns desses primeiros imigrantes giram em torno do ramo empresarial (micro, pequenos e, em alguns casos, médios) de diversos segmentos, nas profissões liberais, dentistas, médicos, bancários, professores, advogados, entre outras. O Senhor Edwin Tiñini é hoje um dos maiores empresários bolivianos radicados no Brasil. É uma espécie de “símbolo” e “espelho” para muitos imigrantes, pois chegou ao país sozinho, sem conhecer ninguém, desprovido de qualquer bem material e conseguiu reunir um considerável patrimônio dos anos de 1986 aos dias atuais, tornando-se uma referência dentro do cenário boliviano brasileiro. Foi um *Pasante* das festas populares que ocorrem no mês de agosto. A função do *Pasante* é ser uma espécie de padrinho do evento, patrocinando as festas e, dentre outras coisas, trazendo grupos diretamente da Bolívia para cantar em São Paulo e patrocinando festas temáticas como as que homenageiam a Virgem de Copacabana e a Virgem de Urkupiña.

A segunda metade da década de 1980 é um bom exemplo para confirmar esta última afirmação, pois nessa época é marcado o início do segundo grande movimento migratório de bolivianos para o Brasil que, dessa vez, tem no perfil do imigrante não mais o daquele universitário que buscava melhor formação acadêmica ou do perseguido político que buscava refúgio, mas essencialmente de pessoas que fugiam das crises econômicas vividas na própria Bolívia ou dos problemas estruturais da mesma ordem na qual a economia da Argentina começava a mergulhar (ROMANELLI e MEZZATO, 2007 p. 23). Assim, as chamadas “migrações laborais”, termo alcinado e comumente presente na obra de Silva (1997, 2003), ganha cada vez mais volume e intensidade em São Paulo.

Na década em questão, o processo migratório apresentou características peculiares que o diferenciava substancialmente das décadas anteriores. A baixa

especialização da mão-de-obra, a destinação laboral quase que exclusivamente para o mercado de confecção e costura e a alta rotatividade dos trabalhadores bolivianos no ramo em questão foram alguns dos traços marcantes desse novo momento da imigração boliviana para São Paulo (SILVA, 2005 p.66). Jovens de ambos os sexos, solteiros, com média ou, mais comumente, baixa escolaridade, oriundos, principalmente, dos interiores das principais regiões orientais da Bolívia (La Paz e Cochabamba)<sup>5</sup>, sem domínio da Língua Portuguesa e, em muitos casos, tendo como Língua Materna o quéchua ou aymará, investiram no sonho de vir para o Brasil, atraídos pelas promessas e/ou propagandas de parentes, amigos ou desconhecidos que já haviam feito o mesmo caminho acerca dos bons salários possíveis de ser ganhos e da nova perspectiva de vida em São Paulo (ROMANELLI E MEZZATO).<sup>6</sup>

### **ABORDAGEM METODOLÓGICA PRELIMINAR**

Os fundamentos epistemológicos do método a ser abordado ainda estão em aberto, pois a temática faz parte de um processo doutoral mais amplo, mas destacamos desde já, à luz das contribuições obtidas na disciplina Metodologia de Pesquisa, que novos horizontes e perspectivas se abriram após a “tempestade de ideias” surgida ao longo dos últimos anos. Assim, para o desenvolvimento da pesquisa em andamento, as verificações em São Paulo fazem parte somente da metade do estudo doutoral em andamento. A outra metade concentra-se em observações de como o fenômeno da formação de professores em ambientes multiculturais também se dá na Cidade de Buenos Aires no tocante à atuação docente com estudantes bolivianos. Na nossa vivência em São Paulo durante os anos de 2010 a 2014, optamos em observar o fenômeno sob a ótica de três métodos combinados: observação participante, pesquisa-ação e entrevistas em profundidade aplicada aos professores.

---

<sup>5</sup> Há pessoas provenientes de outros Departamentos como Oruro, Potosí, Santa Cruz, Beni, Pando, Chuquisaca e Tarija (Pastoral do Migrante, 2007 p.34). Um fato importante é destacado por Silva quando afirma que os imigrantes bolivianos tentam esconder o seu lugar de nascimento, informando, muitas vezes quando são indagados acerca disso, que nasceram nas capitais que compõem os principais centros urbanos da Bolívia. A explicação usada pelo autor é de que tal prática é comumente adotada para que se esconda sua identificação como camponês, que está estritamente ligada à identidade indígena, a qual é carregada de preconceitos tanto na Bolívia quanto no Brasil (Silva, 1997 p.89).

<sup>6</sup> Esse contato, ainda hoje, é comumente feito, como foi dito, por um parente ou conhecido que já está no Brasil há mais tempo e decide buscar novos trabalhadores para a produção e confecção de peças em São Paulo. Tal intermediação pode, ainda, ser realizada por um coreano ou um brasileiro que vai até à Bolívia para buscar novas pessoas. Nesse momento, as relações entre empregador e futuro empregado já começam em cidade com El Alto e, em geral, são mediadas por rádios e jornais da região, nos quais é possível encontrar, nos pontos de encontro entre esses empregadores e potenciais empregados, a oferta de vagas de trabalho em vários destinos do exterior (Silva, 1997 p.104). Esses pontos de encontros são, geralmente, espaços públicos como feiras e as principais avenidas de El Alto, por exemplo.

O método da observação se assenta em premissas básicas de ações humanas. Para o pesquisador que quer observar os fenômenos ou fatos que ocorrem na sociedade precisa ter como meta que o ato de observar perpassa pelo ato de enxergar e ver, cheirar e sentir, escutar e ouvir, tocar e deixar-se tocar. É em suma, criar contextos e de análises acerca do ser-humano, como destaca Malinowski (2005), levando em consideração, ainda, que toso comportamento humana expressa uma função do indivíduo enquanto este mesmo indivíduo como um ser inserido em um meio (ESTRELA, 2008).

Mas existem diferenças clássicas entre uma observação que se pretende científica para uma observação mais despreziosa e sem muitos compromissos com um olhar sistematizado. A abordagem científica requer treino e profundidade no exercício do olhar. Faz-se necessário um questionamento constante do que se observa de maneira sistemática e metódica acerca das delimitações de campo, das unidades de observação e, principalmente, quais comportamentos serão observados. Neste ponto identificamos as potencialidades de se aliar o método à questão das interações sociais que envolvem estudantes bolivianos e a formação dos professores

Para Patton (1989), existem sete dimensões da observação. A primeira diz respeito ao papel do observador, pois o pesquisador tanto afeta quanto é afetado pelo objeto. A segunda se remete à perspectiva adotada pelo pesquisador da necessidade de colocar dentro do universo em análise (ESTRELA, 8008). O terceiro elemento é maneira como o observador se colocará em meio ao mundo observado, destacando se sua presença enquanto observador será omitida, comunicada ou parcialmente comunicada. O quarto ponto se refere ao propósito da observação se ele será integralmente explicado, parcialmente explicado, se não será explicado ou, ainda, se será propositadamente modificado com intuito de confundir o objeto observado que também observa. O quinto elemento é se haverá um processo colaborativo, com destaque para saber se a atuação do pesquisar será individualizada ou se contará com uma rede de pesquisadores. O sexto passo se concentra na duração da observação e o ultimo elemento se concentra no foco do objeto a ser observado, destacando se é um objeto com enfoque mais individualizado ou mais abrangente.<sup>7</sup>

---

<sup>7</sup> Todos estes pontos foram seguidos na nossa presença nas duas escolas do Bairro do Bom Retiro. As análises ainda estão em andamento, mas conseguimos abertura devido ao convite das próprias escolas e da Prefeitura de São Paulo em entender melhor o fenômeno das migrações na cidade e seus desdobramentos no campo educacional e de formação dos professores.

Estrela (2008) destaca a necessidade de que se definam as estratégias de como observar. A primeira necessidade é que se tenham formas e meios de observação. A segunda são os critérios e meios do ato de observar com critérios e formas de registro. Logo em seguida se faz necessário um procedimento específico para análise dos dados. A observação pode ser aplicada na Etnografia, no Estudo de Caso, na Pesquisa-Ação, Entrevista em Profundidade e, também, na Análise. Dessa forma, podemos perceber que é um método tico e de variadas utilidades. No entanto, é preciso um cuidado e preparo científico e acadêmico considerável para o seu uso de maneira correta.

À guisa de considerações finais, tentamos trabalhar neste parte do artigo proposto para o II Seminário de Educação da Universidade Estadual da Bahia, UNEB, o algumas perspectivas norteadoras acerca dos fundamentos epistemológicos da pesquisa que já está sendo trabalhada de doutoramento. Entendemos a carência de profundidade que solicita o processo, mas viver a disciplina Metodologia de Pesquisa se tornou um divisor de águas para fazer algumas escolhas metodológicas e epistêmicas a partir de um vasto panorama de possibilidades, diálogos, autores, teorias e perspectivas.

## **DESAFIOS DA PRESENÇA BOLIVIANA PARA A FORMAÇÃO DE PROFESSORES E CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Atuar em ambientes multiculturais traz novos desafios para a formação do professor. Os bolivianos que residem em São Paulo e que têm crianças nas escolas primárias e secundárias apresentam estas novas perspectivas de problematização da convivência no ambiente escolar, com vistas a outras convivências mais amplas, da necessidade de se compartilhar espaços com pessoas diferentes, com culturas diferentes, com etnias diferentes. Espaços nos quais as diferenças se sobressaem com características de hierarquização social valorativa, como as que guiam sociedades voltadas para olhares europeus de se caracterizar o que é belo e desenvolvido, abrem espaços para que o ambiente escolar se transforme em pontos onde as múltiplas violências (físicas e simbólicas) ocorram, dificuldades de aprendizagem se desenvolvam e se acumulem e, por conta disso, possibilite a ocorrência de evasão escolar.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZEVEDO, Ana. NUNES, Célia. PÀDUA, Karla. DINIZ, Margareth. **Formação e a Condição Docente Num Contexto de Complexidade e Diversidade**. Brasília: Editora Liber, 2013.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 2001.

FEYERABEND, Paul. **Contra o método**. 3 ed. Ilumiuras, 1998.

PIMENTEL, Edna Furukawa. **A Epistemologia e a Formação Docente: Reflexões Preliminares**: Brasília. LiberEditora, 2009.

SOUZA, Ruth Catarina. **Formação de Professores: Tempos de Vida – Tempos de Aprendizagem**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2013.

TEDESCO, Juan. FANFANI, Emilio. Novos docentes, novos alunos, 2004. In: AZEVEDO, Ana. NUNES, Célia. PÀDUA, Karla. DINIZ, Margareth. **Formação e a Condição Docente Num Contexto de Complexidade e Diversidade**. Brasília: Editora Liber, 2013.

TEIXEIRA, Ines. Da condição docente: primeiras aproximações, 2007. In: AZEVEDO, Ana. NUNES, Célia. PÀDUA, Karla. DINIZ, Margareth. **Formação e a Condição Docente Num Contexto de Complexidade e Diversidade**. Brasília: Editora Liber, 2013.

ZUBEN, Newton Aquiles. **Formação de professores: da incerteza à incompreensão**. Bauru – SP: Editora EDUSC, 2003.

DUARTE-JR. **O que é realidade**. Coleção Primeiros Passos. Rio de Janeiro: Editora Braziliense, 2001.

ESTRELA, Albano. **Teoria e prática de observação de classes**. 4 ed. Porto: Editora do Porto, 2008.